

PREVALÊNCIA DE *BULLYING* E VIOLÊNCIA ESCOLAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

BULLYING PREVALENCE AND SCHOOL VIOLENCE IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Nayara Costa Araújo^{1*}, Aníbal Monteiro de Magalhães Neto²

¹ Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas – FEF/UNICAMP. Campinas, SP, Brasil.

² Departamento do curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Barra do Garças, MT – Brasil.

*Autora correspondente: e-mail: nayaranana_@hotmail.com

RESUMO

Durante a prática de atividade física na escola, os alunos com menos habilidades e pouco desempenho motor acabam ficando em situação de maior vulnerabilidade, e como consequência são excluídos dos jogos e brincadeiras nas aulas, além de sofrerem agressões e intimidações. Diante disso, o objetivo deste estudo foi investigar a prevalência do fenômeno *bullying* nas aulas de Educação Física da rede estadual do Ensino Fundamental e identificar os tipos de *bullying* praticado pelos estudantes durante as aulas. Aplicou-se o questionário Kidscape à 780 alunos com idades entre 11 a 15 anos, em 8 escolas Estaduais do Ensino Fundamental durante as aulas de Educação Física, com o intuito de identificar as práticas de *bullying* frequentes nas instituições, as vítimas, os agressores e expectadores. Resultados apontaram que cerca de 34% dos participantes afirmaram ter sido vítima de *bullying* em algum momento de sua vida, 7,8 % afirmaram já terem sido autores deste tipo de agressão e 54% afirmaram ter sofrido *bullying* do tipo verbal. Estes achados apontam para a importância de se desenvolver ações que reduzam as situações de violência dentro da escola, tendo em vista as graves consequências físicas e psicológicas que esse fenômeno pode desencadear.

Palavras-chave: Adolescente. Exclusão. Escolares.

ABSTRACT

During the practice of physical activity at school, students with lower ability and and little engine performance end up in the most vulnerable situation, and as a consequence are excluded from games and activities in class, and suffer aggression and intimidation. Therefore, the aim of this study was to investigate the prevalence of bullying phenomenon in Physical Education classes of the state elementary school and to identify the types of bullying practiced by students during classes. The Kidscape questionnaire was applied to 780 students aged 11 to 15 years in 8 State Elementary Schools during Physical Education classes in order to identify frequent bullying practices in institutions, victims, perpetrators and viewers. Results indicated that about 34% of the participants stated that they had been bullied at some point in their lives, 7.8% said they had already been the perpetrators of this type of aggression and 54% said they had suffered verbal bullying. These findings point to the importance of developing actions that reduce situations of violence within the school, given the serious physical and psychological consequences that this phenomenon may trigger.

Keywords: Adolescent. Exclusion. School.

1. INTRODUÇÃO

Crianças e adolescentes são mais suscetíveis a situações violentas, com as quais convivem no meio social, familiar ou escolar. O fenômeno chamado *bullying* ou a intimidação entre colegas ou pares em crianças com idade escolar é considerado um subtipo de violência que ocorre entre pares na escola, caracterizado pela intencionalidade e repetitividade de ações negativas por parte de um ou mais alunos, causando danos à vítima [1,2]. Visto que é na escola

que se estabelecem relações pessoais que influenciam na construção da identidade dos sujeitos, a presença de fenômenos que repercutem de forma negativa neste processo, como o *bullying*, causam graves prejuízos físicos e psicológicos aos envolvidos [3] e até mesmo na sociedade.

Estudos longitudinais têm demonstrado que crianças vítimas de violência na infância são mais vulneráveis a se tornarem agressores no futuro, bem como mais propensas a desenvolver comportamento antissocial, como o vandalismo, abuso de drogas e ataques violentos na vida adulta, além de apresentarem baixa autoestima e menos empatia com outras pessoas [4-7].

Além das interferências emocionais provocadas nas vítimas associados a quadros de transtornos psicológicos e dificuldades de relacionamento, o *bullying* também pode ser visto como fator de risco para os agressores no que diz respeito à delinquência juvenil e à criminalidade adulta [8]. Desta forma, tendo em vista que dentre as consequências destes atos estão a presença de transtornos comportamentais e de aprendizagem, torna-se necessárias estratégias de intervenção nas escolas, desenvolvidas a partir do conhecimento dos tipos e das prevalências de *bullying* nas diferentes comunidades.

Inúmeros fatores têm influenciado os níveis de vulnerabilidade de crianças e adolescentes em relação ao *bullying*, inclusive, e principalmente, nas aulas de Educação Física [9], pelo fato de a relação interpessoal acontecer de forma mais intensa do que em outras disciplinas [10]. Durante a prática de atividade física na escola, os alunos com menos habilidades e pouco desempenho motor acabam ficando em situação de maior vulnerabilidade [11], e como consequência são excluídos dos jogos e brincadeiras nas aulas, sofrem agressões e intimidações, além de ouvir comentários maldosos a respeito de seu baixo desempenho nas atividades [12]. No entanto, estudos referentes ao *bullying* nas aulas de Educação Física são escassos [9]. Nesta perspectiva, o objetivo deste estudo foi investigar a prevalência do fenômeno *bullying* nas aulas de Educação Física, em 8 escolas da rede estadual do Ensino Fundamental e identificar os tipos de bullying praticado pelos estudantes durante as aulas.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização desta pesquisa de cunho quantitativa e de caráter exploratório, foi aplicado o questionário validado adaptado Kidscap à 780 alunos com idades entre 11 a 15 anos durante as aulas de Educação Física, em 8 escolas Estaduais do Ensino Fundamental, sendo 2 situadas no centro e 6 nas periferias da cidade localizada na periferia da cidade de Barra do

Garças, no estado de Mato Grosso divisa com o estado de Goiás. A primeira fase da coleta de dados da pesquisa envolveu uma visita à escola, com o intuito de realizar um levantamento da quantidade de alunos e professores de Educação Física. Após o primeiro contato, foram preenchidos os TCLES (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para realizar a pesquisa nas escolas. As TCLES contêm informações a respeito da pesquisa, dos objetivos e dos procedimentos, além de esclarecer que os participantes terão seu anonimato preservado. Como critério de inclusão das escolas no estudo, foram selecionadas apenas escolas públicas Estaduais da cidade de Barra do Garças – MT que dispunham de Ensino da Educação Básica visto que no ensino infantil não há aulas de Educação Física na cidade. Escolas públicas municipais, indígenas, creches e escolas situadas fora do perímetro urbano e escolas em que o Diretor não assinou o TCLES foram excluídas do estudo.

A coleta de dados durou aproximadamente quatro semanas, entre conversa com os diretores das escolas, professores, alunos e a aplicação dos questionários de fato. As escolas possuíam um total de 2102 alunos frequentes do 1º ao 9º ano, sendo que 930 correspondiam aos alunos pertencentes ao Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), que eram o público alvo deste estudo. Não participaram da pesquisa: adolescentes cujos pais não autorizaram a participação; os que não quiseram participar da pesquisa e os que não estavam presentes nas três datas programadas para a coleta dos dados.

O questionário Kidscap foi criado em 1985 pelo psicólogo infantil Michelle Elliot em Londres pela Instituição Inglesa que possui o mesmo nome e pesquisa sobre o *bullying* na escola. Seu objetivo é identificar as práticas de *bullying* frequentes na instituição, suas vítimas, agressores e expectadores. Além disto, identifica a idade em que eles vieram a sofrer o *bullying*, o local onde ocorriam, tipos de *bullying* nas aulas, se, verbal, físico, social ou psicológico, e também se o indivíduo já foi autor de prática do *bullying*. O questionário é composto por 13 questões de múltipla escolha, sendo que a primeira questão avalia se o adolescente já foi vítima de *bullying*, aqueles que responderam negativamente, foram desencorajados a continuar preenchendo algumas questões, tendo em vista que a maioria abordavam os episódios de *bullying* como quando aconteceu, como, onde, com quem, quantas vezes, o que a vítima sentiu e qual a opinião delas sobre isto.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT (Protocolo N° 1.064.808). Os dados foram analisados utilizando análise descritiva através do software de análise estatística SPSS 20.0, e os resultados foram expressos em tabelas, obtidos por meio de distribuição de frequência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do questionário é importante salientar que o aluno que respondeu Sim na primeira questão pôde responder todas as outras questões; já, para os alunos que responderam Não, não foram consideradas as questões 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11 e 12 pois essas questões estão diretamente relacionadas com a vítima de *bullying*. Considerou-se também que os alunos que responderam Sim na primeira questão formam a amostra total (100%) para as questões 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11 e 12.

Em nosso estudo cerca de 34% (n=260) dos participantes afirmaram ter sido vítima de *bullying* em algum momento de sua vida e 7,8 % (n=100) afirmaram já terem sido autores deste tipo de agressão. Observou-se que todos que responderam afirmando já ter cometido *bullying* além de agressores eram também vítimas. Na literatura encontram-se estudos semelhantes a este que identificaram cerca de 30% de ocorrência de *bullying* entre alunos do ensino fundamental [7,13,14], corroborando com os dados encontrados nesta pesquisa. Outro estudo feito por Oliveira et al. [15], desenvolvido com 104.109 estudantes do 9º ano, indicaram uma taxa de prevalência de 7,2% de vítimas de *bullying* e 21,8% de agressores. Além disto, em revisão sistemática da literatura [16], a variabilidade da prevalência de *bullying* encontrada no Brasil, se situa entre 10,2% a 31,1%.

Em relação a idade em que o fato ocorreu, 42% (n=110) das vítimas de *bullying* que responderam sim a primeira pergunta disseram ter acontecido entre 5 a 11 anos de idade. Sobre quando aconteceu, grande parte 78% (n=200) afirmaram que foi a mais de um ano. Quando perguntado a respeito da quantidade de vezes em que a agressão aconteceu, 58% (n=150) crianças afirmaram ter sido uma única vez (Tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição da frequência absoluta e relativa das variáveis relacionadas aos episódios de *bullying* em adolescentes matriculados na rede estadual de ensino fundamental.

VARIÁVEIS	N	%
1- Vítima de <i>bullying</i>		
Sim	260	34
Não	520	66
2- Idade quando aconteceu		
Menos de 5 anos	30	12
De 5 a 11 anos	110	42
De 11 a 14 anos	100	38
Acima de 14 anos	20	8
3- Último episódio de <i>bullying</i> sofrido		
Hoje	20	8
Nos últimos 30 dias	20	8
Nos últimos 6 meses	20	8

Há 1 ano ou mais	200	76
4- Frequência de acontecimento		
Uma vez	150	58
Diversas vezes	70	27
Quase todos os dias	30	11
Várias vezes ao dia	10	4
5- Onde aconteceu?		
Indo ou vindo da escola	50	19
No pátio da escola	50	19
Na sala de aula	50	19
No banheiro da escola	20	8
Em outro local	90	35
6- Sentimento da vítima		
Não Me Incomodou	60	23
Me Senti Mal	110	42
Me Senti Assustado/Medo	50	19
Não Queria Mais Ir à Escola	40	16
7- Consequências do bullying		
Não teve consequências	240	92
Algumas consequências ruins	20	8
8- Pensamento sobre os agressores		
Não penso nada	120	15
Tenho pena deles	300	39
Não gosto deles	250	32
Gosto deles	110	14
9- Em sua opinião, de quem é a culpa?		
De quem agride	360	46
Dos pais deles	140	18
De quem é agredido	130	17
Dos outros que só assistem e não fazem nada	150	19
10- Sexo		
Menina	490	63
Menino	290	37
11- Sexo do agressor		
Menino	230	88
Menina	30	12
12- Tipos de bullying sofrido		
Físico	100	38
Verbal	140	54
Racista	20	8
14- Você já cometeu bullying?		
Sim	100	13
Não	680	87

De acordo com as respostas dos participantes em relação ao local onde aconteceu o ato de *bullying*, 35% (n=90) afirmaram ser em outro local fora da escola. A escola é considerada como um ambiente de integração social e de estímulo ao desenvolvimento que proporciona aos alunos o convívio com as diferenças. É um local de aprendizagem, no qual são estabelecidas ordens e normas que contribuem para a sua formação integral [17]. No entanto, este contato com as diferenças individuais de cada criança acabou tornando a escola um local propício à prática do *bullying*. Contudo, apesar de sua origem ter sido neste espaço, sua prática não está restrita a ela, podendo surgir também em outros locais, tais como no percurso para a escola, clubes desportivos, ciberespaço, entre outros, conforme foi encontrado neste estudo.

Em relação ao sentimento da vítima, quando perguntado o que sentiu, 42% (n=110) crianças afirmaram que se sentiram mal. O estudo realizado por Bandeira e Hutz [17], constatou que das vítimas de *bullying*, 31,8% não se incomodaram com as atitudes dos colegas. A resiliência que cada um possui é um fator fundamental para que esses alunos consigam superar as possíveis consequências do *bullying*. Neste estudo, no entanto, boa parte dos participantes se sentiram mal, com medo e até perderam a vontade de ir à escola, esse mesmo sentimento, também foi predominante no estudo de Nascimento et al., [14] demonstrando que o *bullying* pode afetar negativamente a vida de quem é assediado.

Quando perguntado sobre o que eles pensam de quem comete tal ato, 39% (n=300) dos participantes responderam que sentia pena deles. Quando perguntado a opinião deles sobre de quem é a culpa, 46% (n=360) crianças afirmaram ser de quem agride. A maioria dos estudantes 92% (n= 220), revelaram que não tiveram consequências relacionadas aos episódios de agressão. Esse fato pode ter sido amenizado pela questão do tempo, uma vez que a maioria respondeu que os episódios ocorreram há mais de um ano, o que pode ter gerado um viés de memória.

Em relação ao gênero, observou-se que há diferenças no tipo de *bullying* praticado por meninos e meninas, 63% (n=490) dos participantes deste estudo eram do sexo feminino, e a maioria afirmaram ter sofrido *bullying*. Quando perguntado se quem intimidou ou agrediu era menino ou menina 88% (n=230) afirmaram que os agressores eram do sexo masculino. A maioria dos meninos afirmaram ter sofrido *bullying* do tipo físico de meninos e as meninas afirmaram ter sofrido *bullying* do tipo verbal pelos meninos e ambos os sexos, 54% (n=140) afirmaram ter sofrido *bullying* do tipo verbal. As violências física e verbal são as mais apresentadas em estudos, sendo as físicas mais praticadas pelos meninos, e as verbais pelas meninas [18,19], afirmando os resultados encontrados nesta pesquisa.

Uma pesquisa feita por Linhares, Faria e Lins [10], que buscou analisar a relação do gênero com os tipos de *bullying* mais frequentes nas aulas de Educação Física, mostraram que as meninas tendem a ser agredidas principalmente por meninos (66,7%) e os meninos (55,6%) somente por meninos. Dessa maneira, o sexo do agressor tende a ser o mesmo da vítima, sendo o sexo masculino visto predominantemente, como agressor de ambos os gêneros. Nossos resultados corroboram ainda com estudo feito por Jabes e Oliveira [20] que mostraram que os meninos são mais agressivos e usam força física, sendo fáceis de identificar. Nas meninas, a agressão tende a ser mais sutil, com agressões verbais e de exclusão, dificultando sua identificação.

Além disto, o modelo de valorização dos atributos físicos do sexo masculino também pode estar sendo reproduzido no contexto escolar, onde os meninos vivenciam a expressão da agressividade de um modo mais acentuado e as meninas com formas mais sutis de humilhação ou intimidação [13,19,21].

Considerando-se que a maioria dos atos de *bullying* ocorre fora da visão dos adultos e que grande parte das vítimas não reage ou fala sobre a agressão sofrida, muitos pais e alguns professores ainda têm pouca percepção do *bullying*, subestimam a sua prevalência e atuam de forma insuficiente para a redução e interrupção dessas situações [7], o que torna os casos de *bullying* cada vez mais prevalentes e com graves consequências.

Boa parte das situações que envolvem a violência escolar e o *bullying* podem ser resolvidas dentro da própria instituição de ensino, por meio da observação, que é uma das principais formas de reconhecimento de casos de *bullying* [10].

No que se refere as medidas preventivas, é indispensável o trabalho conjunto de pais, alunos, professores e demais funcionários da escola, para que, através da conscientização de todos e suporte às vítimas [10], tenha-se a diminuição deste tipo de violência escolar, que vem se tornando cada vez mais comum nas aulas de práticas corporais na Educação Física.

Ressalta-se que, além do *bullying* poder ter seu início nas aulas de Educação Física, pode ainda se tornar promotora deste fenômeno, uma vez que haja sua continuidade fora dela. Neste sentido, o professor de Educação Física deve estar preparado para identificar essas situações-problema em suas aulas e auxiliar na mediação da resolução dos conflitos pelos estudantes, buscando o não estabelecimento da violência, visto que as atividades desenvolvidas nessa disciplina podem influenciar comportamentos positivos nas relações sociais [9].

CONCLUSÃO

Diante do exposto, pode-se dizer que os índices de prevalência de *bullying* (vítimas e agressores) nas aulas de Educação Física no ensino fundamental são consideráveis e devem servir de alerta para a comunidade em geral, tendo em vista as graves consequências físicas e psicológicas que esse fenômeno desencadeia, podendo desenvolver comportamentos violentos e até mesmo causar riscos à saúde dos envolvidos. Além disso, apesar de na disciplina de Educação Física os alunos estarem em constante contato físico devido ao seu grande volume de aulas práticas fora da sala de aula, observou-se que o tipo de *bullying* predominante nas aulas de Educação Física relatadas foram as agressões verbais, porém, vale ressaltar como limitação

de estudo, que os resultados apresentados baseiam-se nas respostas das crianças ao questionário proposto, e sua veracidade é dependente de sua interpretação sobre ele. Sendo assim, recomenda-se novos estudos com metodologias diferentes para melhor elucidação do tema.

Nossos achados apontam para a importância de se desenvolver ações que reduzam as situações de violência dentro da escola, pois as vítimas podem se tornar cidadãos estressados, deprimidos, com baixa autoestima, podendo ocasionar doenças psicossomáticas e transtornos mentais, enquanto que os agressores podem se tornar adultos violentos. Frente ao exposto, nota-se a necessidade de programas de saúde na escolar, nos quais se busca a reflexão crítica desses jovens sobre os malefícios da violência, formas de preveni-la e a discussão sobre a cultura da paz. Nesta perspectiva, torna-se imprescindível diagnosticar e elaborar mecanismos de enfrentamento para essas problemáticas nos seus estágios iniciais de desenvolvimento, evitando assim seu agravamento no futuro.

REFERÊNCIAS

- [1] OLWEUS, D. School bullying: development and some important challenges. **Annu Rev Clin Psychol**, v.9, n.1, p.751-780, 2013.
- [2] OLIVEIRA, W. A. et al. Experiences and perceptions of discrimination related to bullying among Brazilian students. **Maltrattamento e abuso all'infanzia**, v. 18, n. 1, p. 13-38, 2016.
- [3] ALBUQUERQUE et. al. Bullying na concepção de estudantes do ensino fundamental de uma escola pública. **Rev Enferm UFSM**. v.5, n.3, p. 444-453, 2015.
- [4] BENDER, D; LÖSEL, F. Bullying at school as a predictor of delinquency, violence and other anti-social behaviour in adulthood. **Crim Behav Ment Health**, v.1, n.21, p. 99-106, 2011.
- [5] VIENO, A; GINI, G; SANTINELLO, M. Different forms of bullying and their association to smoking and drinking behavior in Italian adolescents. **J Sch Health**, v.81, p. 393-9, 2011.
- [6] ANDRADE, S et al. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. **Cad. Saúde Pública**. v.28, n.9, p.1725-1736, 2012.
- [7] ALVES, G. G; AROSSI, G. A; HAAS, M. F; DOS SANTOS, A. M. P. V; TOVO, M. F. Bullying e o comportamento de jovens de escolas de ensino fundamental. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v.18, n. 1, p. 418-423, 2017.

- [8] GARBIN, C.A. S.; GATTO, R. C. J.; GARBIN, A. J. Í. Prevalência de bullying em uma amostra representativa de adolescentes brasileiros. **Arch Health Invest.** v. 5, n. 5, p; 256-261, 2016
- [9] ZEQUINÃO, M.; A et al. Vulnerabilidade e *bullying* escolar: interfaces teóricas possíveis. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 614-28, 2017.
- [10] LINHARES, R. D.; FARIA, J. P. O.; LINS, R. G. O bullying na educação física escolar e sua diferença entre meninos e meninas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, 2013.
- [11] SCARPA, S. et al. Peer-victimization during physical education and enjoyment of physical activity. **Percept Mot Skills**, v. 115, n. 1, p. 319-24, 2012.
- [12] BOMFIM, D. et al. Ocorrência de bullying nas aulas de Educação Física em uma escola do Distrito Federal. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 2, 2012.
- [13] MALTA, D. C.; SILVA, M. A. I.; MELLO, F. C. M. D.; MONTEIRO, R. A.; SARDINHA, L. M. V.; CRESPO. C.; PORTO, D. L. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Cien Saude Colet.** v. 15, n. 2, p. 3065-3076, 2010.
- [14] DO NASCIMENTO, K. B.; DE ROSSO, K. R. U. G. M.; DA COSTA, F. T. L.; DO NASCIMENTO, B. B. Bullying entre escolares: Um estudo descritivo na cidade de cruz alta/rs. **Reflexão e Ação.** v. 21, n. 1, p. 196-218, 2013.
- [15] OLIVEIRA, W. A. et al. Experiences and perceptions of discrimination re-lated to bullying among Brazilian students. **Maltrattamento e abuso all'infanzia**, v. 18, n. 1, p. 13-38, 2016.
- [16] NESELO F et al. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant**, v.14, n.2, p.119-136, 2014
- [17] BANDEIRA C. D. E. M.; HUTZ C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicol Esc Educ.** v.16, n. 1, p. 35-44, 2012.

- [18] LEMSTRA, M.; ROGERS, M.; REDGATE, L.; GARNER, M.; MORAROS, J. Prevalence, risk indicators and outcomes of bullying among on reserve First Nations youth. **Can J Public Health**. v. 102, p. 462-6, 2011.
- [19] RECH, R. R.; HALPERN, R.; TEDESCO, A.; SANTOS, D. F. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. **J Pediatr**. v. 89, n.2, p. 164–170, 2013.
- [20] JABES, V. R. G.; OLIVEIRA, J. B. C. O bullying escolar na perspectiva do gênero masculino e feminino. **Colloquium Humanarum**. v.10, n. 2, p. p63-78, 2013.
- [21] DE MOURA, D.R.; CRUZ, A.C.; QUEVEDO, L.A. Prevalence and characteristics of school age bullying victims. **J Pediatr**. v. 87, n. 1, p. 19-23, 2011.